

A RELAÇÃO CORPO-MENTE: A MENTE COMO IDEIA DO CORPO NA *ÉTICA* DE BENEDICTUS DE SPINOZA

ELAINY COSTA DA SILVA *

O presente trabalho tem como objetivo expor e analisar a relação corpo e mente na *Ética* de Benedictus de Spinoza. A relação corpo e mente spinozista apresenta uma significativa inovação, pois a partir dela pode-se criticar tudo aquilo que até então a tradição filosófica havia afirmado a respeito, ou seja, a ideia platônica da alma como piloto do corpo; a noção aristotélica da alma como regente do corpo e este como instrumento da alma e a ideia cartesiana de união substancial. Tudo isto cede lugar a uma nova concepção spinozista de relação corpo e mente, cuja novidade e impacto consiste em compreender a mente e o corpo como modos da atividade imanente de dois atributos da Substância única e infinita, a saber, o Pensamento e a Extensão. Logo, como expressões de uma mesma e única causa, ou seja, a Substância, cujos respectivos atributos se exprimem distintamente através de uma atividade comum, a relação corpo e mente ocorre de forma imediata. Portanto, o corpo e a mente, enquanto efeitos simultâneos de dois atributos de mesma realidade e mesma potência da Substância são isonômicos, ou seja, estão sob a mesma ordem e conexão, porém expressos distintamente. Entretanto, a relação corpo e mente não é algo comum a ambos, mas apenas enquanto são corpos e mentes humanos.

Na proposição sete da Parte II da *Ética*, Spinoza afirma: “A ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (EII, p7). Esta proposição atesta que a ordem e a conexão das ideias na mente é a mesma que a ordem e a conexão das causas no corpo, pois ambos seguem o mesmo encadeamento e estão submetidos às mesmas leis de uma única

Substância, visto que possuem uma mesma origem, mas expressos de formas diferentes. Portanto, a relação corpo e mente segundo Spinoza é uma relação de correspondência ou expressão, ou seja, o corpo e a mente exprimem o mesmo efeito à sua maneira peculiar.

Pode-se afirmar que o corpo e a mente são ambos a mesma coisa, enquanto Natureza Naturada, pois são modos finitos da Substância única, que a exprimem enquanto coisa extensa e coisa pensante. Porém, o corpo e a mente são distintos entre si, já que são efeitos simultâneos da atividade imanente de dois atributos da Substância, representando duas particularidades diferentes de uma mesma realidade. Segundo a proposição três da Parte I da *Ética*, na qual Spinoza apresenta a seguinte declaração: “No caso de coisas que nada têm de comum entre si, uma não pode ser causa de outra” (EI, p3), o corpo jamais pode determinar a produção de ideias na mente, do mesmo modo que esta não pode determinar os movimentos no corpo, visto que os atributos da Substância são autônomos e responsáveis pelo desenvolvimento modal e causal em seu interior, logo, um não pode interferir de maneira causal no outro. “Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou a qualquer outro estado (se é que isso existe)” (EIII, p2). Portanto, toda coisa existente percebida pelo homem ou é uma ideia ou um corpo, ou seja, modos de uma determinação causal dos respectivos atributos Pensamento e Extensão.

Certamente a proposição sete da Parte II da *Ética* é uma das proposições mais importantes da citada obra, pois através dela Spinoza afirma a unidade, ou melhor, o monismo substancial e a autonomia dos atributos, isto é, cada atributo deve ser concebido por si mesmo. Na Substância,

* Mestre em Filosofia pela UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE.

a sua potência de pensar é igual a sua potência atual de agir, remetendo a uma identidade ontológica entre as ideias e as coisas, logo, não há uma coisa existente em ato que não corresponda a uma ideia. A partir de tal afirmação, pode-se atestar o paralelismo¹ existente entre o corpo e a mente, pois o desenvolvimento das ideias corresponde a um desdobramento de acontecimentos no corpo, ou seja, é possível sentir o corpo como ele realmente existe, mas o conhecimento e a percepção deste somente são possíveis através da mente. Por conseguinte, a mente está internamente ligada ao seu objeto, a saber, o corpo, visto que ela tem como função pensá-lo, e como o próprio Spinoza define e demonstra: *a mente é a ideia do corpo.*

A relação interna entre a mente e o corpo está compreendida no fato da natureza da mente pensar o corpo, que é o seu objeto, do mesmo modo que é da natureza do corpo ser o objeto a ser pensado pela mente, e simultaneamente, a mente identifica-se como ideia, na medida em

que liga-se ao corpo e o pensa. Desta forma, o paralelismo entre a mente e o corpo é reafirmado, pois a mente não age sobre o corpo determinando suas ações, como também, o corpo não age sobre a mente causando-lhe paixões ou vícios, mas ambos expressam conjunta e simultaneamente um mesmo acontecimento da Substância em esferas diferenciadas de realidade, ou seja, duas expressões paralelas, o corpo e a mente, que na Substância formam um único acontecimento.

Que tudo o que pode ser percebido por um intelecto infinito como constituindo a essência de uma substância pertencente a uma única substância apenas e, conseqüentemente, a substância pensante e a substância extensa são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob o outro. Assim, também um modo da extensão e a idéia desse modo são uma só e mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras. [...] Assim, quer concebamos a natureza sob o atributo da extensão, quer sob o atributo do pensamento, quer sob qualquer outro atributo, encontraremos uma só e mesma ordem, ou seja, uma só e mesma conexão de causas, isto é, as mesmas coisas seguindo-se uma das outras. [...] (EII, p7s).

Contudo, é válido ressaltar que os modos do atributo extensão não têm nenhuma conexão com os modos do atributo pensamento, pois segundo a proposição sete da Parte II da *Ética* não são os modos dos dois atributos mencionados que estão em conexão, mas que a ordem e a conexão dos modos do atributo extensão e dos modos do atributo pensamento é que é uma só e a mesma. Pode-se afirmar que os modos de um mesmo atributo estão em conexão, mas não que os modos de atributos distintos estão em conexão, visto que, de acordo com o axioma cinco da Parte I da *Ética*, Spinoza declara: “Não se pode compreender, uma por meio da outra, coisas que nada têm de comum entre si; ou seja, o conceito de uma não envolve o conceito da outra” (EI, a5). Ademais, se existisse conexões entre os modos de atributos diferentes, seria necessário fazer afirmações que estariam contrárias ao que foi apresentado na Parte I da *Ética*, ou seja, que existe uma relação causal entre os atributos, já que esta está presente entre os modos; os atributos não seriam distintos entre si, e, por

¹ FRAGOSO, E. A. da R. A concepção de natureza humana em Benedictus de Spinoza. Cadernos Espinosanos XXI – julho 2009. – São Paulo: Departamento de Filosofia da FFLCH-USP. “Deleuze estabelece ainda uma distinção entre o paralelismo epistemológico e o paralelismo ontológico. O primeiro, ou o paralelismo epistemológico, está expresso na proposição 7, da Parte 2 da *Ética*, na sua demonstração e no seu corolário; este é descrito como o paralelismo que se estabelece entre a idéia e o seu ideato, e segundo Deleuze, nos conduz à simples unidade de um “indivíduo”, formado pelo modo de certo atributo e a idéia que representa exclusivamente este modo. Este tipo de paralelismo implica a correspondência, a equivalência e a identidade entre um modo do pensamento e um modo tomado no seu atributo bem determinado, podendo ser expresso pela forma geral: um só e mesmo indivíduo é exprimido por certo modo e pela idéia que lhe corresponde, ou seja, a toda idéia corresponde qualquer coisa, pois nenhuma coisa poderia ser conhecida sem uma causa que a fizesse ser, e a toda coisa corresponde uma idéia, pois Deus forma uma idéia da sua essência e de tudo o que dela resulta. Considerado sob o aspecto das idéias e dos corpos, este paralelismo se desdobra num caso particular: o paralelismo psico-físico. O segundo paralelismo ou paralelismo ontológico está expresso no escólio da proposição 7, da Parte 2 da *Ética*; este é o paralelismo que se estabelece entre os modos de todos os atributos, modos estes que não se distinguem senão pelos atributos, ou seja, uma só e mesma modificação é exprimida por todos os modos correspondentes que diferem pelo atributo, ou seja, os modos de todos os atributos expressam, nos seus respectivos gêneros, uma única modificação da substância, à semelhança dos atributos distintos que expressam uma única substância”. p. 90-91.

último, se existisse uma relação causal entre os atributos e os modos, é plenamente possível que as ideias causassem os corpos e que estes causassem as ideias. Logo, tais afirmações suscitariam em uma incoerência absurda.

O homem é uma coisa singular, e seu corpo e sua mente estão unidos de forma direta e imediata, união não enigmática, já que não é uma composição de duas substâncias independentes e antagônicas, mas expressões distintas de atributos também distintos de uma única e só Substância, isto é, os corpos e as ideias são efeitos imanentes de dois de seus infinitos atributos, desta forma, ao exprimir a ação destes, simultaneamente, exprime a atividade de um mesmo e único ser. Entretanto, somente após Spinoza concluir a Parte II da *Ética*, deduzindo a essência da mente humana como modo finito do atributo Pensamento, cujo seu ser atual é constituído pela ideia do corpo, que o pensador poderá inferir na primeira proposição da Parte V da *Ética* a seguinte afirmação: “*É exatamente da mesma maneira que se ordenam e se concatenam os pensamentos e as ideias das coisas na mente que também se ordenam e se concatenam as afecções do corpo, ou seja, as imagens das coisas no corpo*” (EV, p1).

A ruptura spinozista com a estrutura da tradição filosófica acerca do corpo e a relação deste com a mente, desde já causa uma enorme revolução na modernidade, porém a tudo isso, vem acrescentar-se outra de mesmo valor impactante, a definição da mente como ideia do corpo. A mente humana é uma força pensante, constituída pelo intelecto infinito de Deus e exprimindo de forma certa e determinada o atributo Pensamento, logo, a mente pode conhecer pensando ou negando ideias de modo adequado, mas também inadequadamente, pois afirma ou nega imagens julgando-as como ideias. No entanto, mais do que isso, pensar é ter consciência de alguma coisa e ser consciente de alguma coisa e, portanto, isso remete ao fato da mente ser uma potência pensante que está voltada aos objetos que constituem os teores de suas ideias ou imagens, além de estar natural e internamente ligada ao seu próprio objeto, ou melhor, estar ligada ao objeto que constitui a ideia que compreende o ser atual da mente humana, visto que é de sua própria natureza pensá-lo, por conseguinte, Spinoza revoluciona ao afirmar que a mente é a ideia do corpo.

Na proposição onze da Parte II da *Ética*, Spinoza demonstra: “*O que, primeiramente, constitui o ser atual da mente humana não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato*” (EII, p11). Segundo o filósofo holandês, a essência do homem é constituída por certos modos dos atributos da Substância, a saber, Pensamento e Extensão, além de outros modos do pensar, como o amor, o desejo ou qualquer outro que se defina por afeto do ânimo, como ele atesta no axioma três² da Parte II da *Ética*, logo, seguindo a lógica do mesmo axioma, a ideia destes modos do pensar é anterior e, portanto, a ideia existindo, estes modos simultaneamente devem existir no mesmo indivíduo. Por conseguinte, pode-se afirmar que a ideia é o que primeiramente constitui o ser atual da mente humana, mas não uma ideia de algo inexistente, pois, ao contrário, não seria possível dizer que esta ideia existe, assim, ela se refere a uma coisa existente em ato. Ademais, Spinoza expõe no corolário da última proposição citada que a mente humana é uma parte do intelecto infinito de Deus e, logo, quando a mente percebe algo, Deus, não enquanto é infinito, mas enquanto constitui a essência da mente humana, também tem a ideia deste. Além disso, quando Deus tem a ideia de algo, não apenas enquanto constitui a natureza da mente humana, mas enquanto tem concomitantemente com esta também a ideia de alguma coisa, pode-se dizer que a mente apreende essa coisa inadequadamente.

Seguindo o encadeamento lógico das proposições da *Ética*, a proposição onze da Parte II evidentemente remete a proposição doze da mesma parte, em que Spinoza expõe que tudo o que ocorre no objeto de uma ideia deve necessariamente conter o conhecimento de Deus, não enquanto é infinito, mas enquanto constitui a natureza da mente humana. Logo, tudo o que acontece no objeto da ideia que constitui a essência da mente humana tem necessariamente o conhecimento de Deus, enquanto Este constitui a essência daquela e, desta maneira, tudo o que

² “*Os modos do pensar tais como o amor, o desejo, ou qualquer outro que se designa pelo nome de afeto do ânimo, não podem existir se não existir, no mesmo indivíduo, a ideia da coisa amada, desejada, etc. Uma ideia, em troca, pode existir ainda que não exista qualquer outro modo do pensar*”. (EII, a3).

sucede com o objeto desta ideia, tem necessariamente o conhecimento da mente, isto é, a mente o percebe. Assim, se objeto da ideia que compõe a mente humana é um corpo existente em ato, tudo o que acontece com esse corpo será percebido pela mente. Tudo isto concederá suporte para que Spinoza conclua na proposição treze que o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo existente em ato, remetendo novamente que a mente humana está unida ao corpo.

Tudo aquilo que acontece no objeto da ideia que constitui a mente humana deve ser percebido pela mente humana, ou seja, a ideia daquilo que acontece nesse objeto existirá necessariamente na mente; isto é, se o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela mente. [...] Do que precede, compreendemos não apenas que a mente humana está unida ao corpo, mas também o que se deve compreender por união de mente e corpo. Ninguém, entretanto, poderá compreender essa união adequadamente, ou seja, distintamente, se não conhecer, antes, adequadamente, a natureza de nosso corpo. (EII, p12; p13s).

Segundo Spinoza, o corpo humano pode ser afetado de muitas formas pelos corpos exteriores, do mesmo modo que está disposto de determinada maneira que os afeta de diversas formas e, conseqüentemente, como a mente percebe tudo o que acontece no corpo humano, de acordo com a proposição doze da Parte II da *Ética*, logo, ela também é capaz de perceber várias coisas. Tal afirmação irá reportar-se a proposição dezesseis³ da Parte II da *Ética*, em que o pensador holandês demonstra que todas as formas pelas quais um corpo é afetado envolvem necessariamente a natureza deste corpo como a do corpo que o afeta, logo, a ideia de todas essas maneiras pelas quais o corpo é afetado por um corpo exterior envolvem a natureza de ambos. Portanto, a mente humana tanto percebe a natureza do seu próprio corpo como a natureza dos demais corpos. Entretanto,

³ “A ideia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior”. (EII, p16).

a mente humana não conhece o próprio corpo ou não sabe que este existe se não percebe as ideias das afecções dos corpos exteriores que afeta seu próprio corpo. Segundo Spinoza, a mente humana é a ideia do próprio corpo humano, na qual tem Deus como causa, mas não enquanto Deus é absolutamente coisa pensante, e sim, enquanto é considerado como afetado por outra ideia de coisa singular, da qual Deus é igualmente causa enquanto afetado por outra ideia, e assim ao infinito. Logo, Deus tem a ideia do corpo humano, enquanto é afetado de muitas outras ideias e não enquanto constitui apenas a natureza da mente humana, pois, ao contrário, a mente não conhecerá o corpo humano. Isto é, quando o corpo humano é afetado por uma coisa singular, a mente faz uma ideia desta coisa e simultaneamente do seu próprio corpo, e essa ideia da coisa singular e do próprio corpo vai conseqüentemente existir em Deus, isto é, Deus tem a ideia ou o conhecimento de ambos, enquanto constitui a natureza da mente, ou seja, enquanto se exprime pela natureza na mente humana, pois esta é um modo do atributo Pensamento. Assim, a mente humana é uma parte do intelecto infinito de Deus, logo, quando a mente percebe isto ou aquilo, Deus tem esta ou aquela ideia, porém ela somente irá conhecer o próprio corpo humano através das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado. “A mente humana não conhece o próprio corpo humano e não sabe que ele existe senão por meio das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado”. (EII, p 19).

Segundo Spinoza, do mesmo modo que existe uma ideia ou um conhecimento do corpo humano em Deus, existe também uma ideia da mente que nele se segue, ou seja, deve existir necessariamente em Deus uma ideia dele próprio e de todas as suas afecções, pois o Pensamento é um dos seus atributos e por conseqüência a ideia da mente segue-se em Deus. Ademais, a ideia da mente segue-se em Deus não enquanto infinito, mas enquanto é afetado por outra ideia de uma coisa singular, logo, a ideia da mente segue-se em Deus da mesma maneira que a ideia do corpo, ou seja, a mente faz uma ideia de si própria da mesma maneira que faz uma ideia do corpo. Além disso, as ideias das afecções do corpo existem na mente humana, logo, estão contidas em Deus, enquanto este constitui a natureza da

mente humana, portanto, da mesma maneira que Deus tem a ideia da mente humana, também tem as ideias das ideias das afecções do corpo, isto é, estas ideias existem na mente humana. Entretanto, como a mente conhece a si mesma, ou melhor, como ela tem uma ideia de si própria? Na proposição vinte e três da Parte II da *Ética*, Spinoza demonstra que quando a mente humana percebe o corpo humano, isto é, no momento que ela faz uma ideia daquilo que afeta seu corpo e do seu próprio corpo, esta ideia envolve a natureza do corpo exterior e do seu próprio corpo e, por consequência, a mente percebe como existente o corpo exterior e seu próprio corpo. Da mesma forma e simultaneamente, a mente também percebe a si própria, ou seja, a ideia que ela faz da coisa exterior envolve também a natureza da mente, pois é ela que percebe. Portanto, a mente percebe não apenas as ideias das coisas exteriores, mas ela mesma, em outras palavras, a mente é consciente das afecções de seu corpo e das ideias dessas afecções, é consciente do corpo e de si mesma ou como Spinoza expressa, é ideia do corpo e ideia da ideia do corpo. “A mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo”. (EII, p23)

Marilena Chauí escreve em sua obra *A Nervura do Real* o que seria a mente humana:

[...] Que é a mente humana? Por ser qualitativamente um modo finito do pensamento, é idéia, ato ou potência mental. Ora, é da natureza própria da idéia ser um saber sobre e de seu ideado, e, assim, nossa mente é idéia de um ser finito extenso, nosso corpo próprio, e idéia de si mesma enquanto modificação do atributo pensamento: idéia do corpo (*idea corporis*) e idéia da idéia (*idea ideae*) ou idéia de si mesma como idéia, cuja potência é pensar. Não é da natureza da mente, como era o caso da substância pensante cartesiana, poder ser concebida como realidade simples independente do corpo, mas é de sua natureza *ser* idéia complexa de seu corpo complexo, vivenciando-o como próprio, e idéia da idéia ou potência reflexiva. É da natureza da mente ser necessária e imediatamente consciente das afecções de seu corpo e de si mesma porque é esta a natureza do pensamento: não “junta-se” ao corpo, não lhe causa vida nem

movimentos, assim como ele não “se junta” a ela, nem lhe causa idéias ou paixões. [...]”⁴.

No entanto, afirmar que a mente humana é a ideia das afecções do seu próprio corpo e por meio delas é ideia de si mesma, não implica que a mente tem um conhecimento adequado ou verdadeiro do seu corpo e de si mesma, mas ao contrário, ela perpassa por um conhecimento confuso do seu corpo e de si, ou seja, tem ideias imaginativas ou inadequadas. Imaginar é uma atividade corporal, logo, as imagens são causadas exclusivamente pelo corpo, em que seus correlatos mentais são as ideias imaginativas causadas pela própria mente em relação com o corpo, portanto, a imaginação é um conhecimento parcial e inadequado que a mente possui de seu corpo quando este afeta outros corpos e sendo por eles afetado de várias formas, isto é, a mente conhece o próprio corpo por meio da imagem que os corpos exteriores dele formam e conhece estes últimos pelas imagens que seu próprio corpo forma deles, assim, pode-se afirmar que a imaginação é a primeira forma de intercorporeidade.

[...] A afecção corpórea ou imagem e seu correlato mental, a idéia imaginativa inadequada, inscrevem-se num sistema de relações imediatas entre os corpos, havendo, no entanto, diferença entre ambas, pois a imagem enraíza-se na natureza de nosso corpo e nele permanece, enquanto a idéia imaginativa, nascida da natureza de nossa mente, que opera articulando nexos de idéias, tende a ligar-se a outras e, combinando-se com elas de maneiras variadas, torna-se um sistema independente, pretendendo, com dados parciais e mutilados, oferecer explicações totalizantes da realidade. Não o consegue, mas tem a ilusão de tê-lo conseguido, cristalizando-se numa rede intrincada de preconceitos, o imaginário.⁵

Como a mente conhece o corpo e a si mesma através da relação de afetabilidade que o seu corpo exerce sobre os outros corpos exteriores e estes sobre ele, lembrando que na medida em que o corpo é afetado de uma maneira que envolve a natureza do corpo exterior, a mente considera esse corpo como existente em ato, entretanto, ela pode considerar como presentes, mesmo que não

⁴ CHAUI, M. *A Nervura do Real: imanência e liberdade em Espinosa*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 87.

⁵ CHAUI, M. Op. Cit., p. 89.

existam ou não estejam presentes, aqueles corpos exteriores pelos quais o corpo humano já foi uma vez afetado. Logo, pode-se afirmar que a característica da imagem é a abstração, pois ela está separada da sua causa real e verdadeira, conduzindo a mente a ter ideias imaginativas ou inadequadas sobre o seu corpo e os outros corpos, ademais, o corpo é memorioso, já que toma como presentes imagens do que está ausente.

No entanto, segundo Spinoza, as imaginações da mente consideradas em si mesmas não contêm erro, isto é, a mente não erra por imaginar, pois a imagem não é verdadeira nem falsa, mas uma vivência corporal, não sendo causa de erros ou falsidades, ao contrário da ideia imaginativa ou inadequada que é fonte de erros ou falsidades, pois está privada do verdadeiro, ou seja, “*Spinoza coloca o problema em termos de privação da ideia verdadeira. A imaginação cumpre o papel de tornar presente uma realidade ausente*”.⁶ Logo, Spinoza ressalta que a imagem é uma força do corpo, e seria uma força da mente se caso esta, ao imaginar, soubesse que imagina, além disso, a ideia imaginativa torna-se uma fraqueza da mente quando é tomada por uma ideia reflexiva ou adequada, pois a causa desta última é a própria mente. Portanto, longe do que a tradição filosófica afirmou a respeito de que a mente estaria impedida do conhecimento verdadeiro em razão de sua ligação com o corpo, Spinoza não estabelece como causa do bloqueio da verdade a ligação mente e corpo, mas que a mente deixa a iniciativa do conhecimento ao corpo, que apenas é capaz de causar imagens, ao contrário da mente que ao assumir sua própria natureza, toma a iniciativa do conhecimento, permitindo ao homem conhecer adequadamente.

Portanto, ao afirmar a mente como ideia do corpo e, conseqüentemente, como ideia das afecções do corpo e como ideia de si mesma, Spinoza expõe a relação corpo e mente, cuja demonstração expressa uma interdependência entre ambos, que vai de encontro com que a tradição filosófica afirmara.



⁶ LEITE, A. *Sobre a imaginação projetiva em Spinoza.* Revista Conatus: Filosofia de Spinoza. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades. – v. 2, n. 3 julho 2008 – Fortaleza: Ed. Da Universidade Estadual do Ceará, 2008. p. 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, M. ***A Nervura do Real: imanência e liberdade em Espinosa.*** 3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p 87.

DELBOS, Victor. ***O espinosismo: curso proferido na Sorbonne em 1912 – 1913;*** tradução de Homero Silveira Santiago. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

FRAGOSO, E. A. da R. ***A concepção de natureza humana em Benedictus de Spinoza.*** Cadernos Espinosanos XXI – julho 2009. São Paulo: Departamento de Filosofia da FFLCH-USP.

SPINOZA, B. de. ***Ética Demonstrada em Ordem Geométrica.*** Edição Bilíngüe latim/português. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Autêntica, 2. ed. 2008.

